

A RELAÇÃO CRIANÇA E TELEVISÃO: ENTREVISTA COM ELZA DIAS PACHECO

A seguir, trechos de entrevistas concedidas pela Professora Doutora e Livre-Docente Elza Dias Pacheco, da Escola de Comunicação e Artes da USP, ao Boletim Técnico da Fundescola, em seus números 39 e 33, de 2000, ano V.

Entrevista 1 (Boletim 39)

Em 1994, Elza Pacheco criou o Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicações (Lapic). O grupo reúne profissionais de várias áreas do conhecimento e tem como objetivo

Fundescola - O que é o Lapic e como surgiu?

Elza Pacheco - Em linhas gerais, trata-se de um ambiente lúdico de produção e socialização de conhecimentos sobre a relação TV/Criança. Nele, estão reunidos pesquisadores mestrandos, doutorandos, bolsistas de apoio técnico e de iniciação científica de várias áreas do conhecimento, como: Psicologia, História, Linguística, Educação, Cinema, Teatro, Televisão e Ciências Sociais. Pode parecer estranho que um laboratório de pesquisa seja um ambiente lúdico.

Para explicar isso, preciso remexer o baú da minha memória de cinco décadas para buscar a idéia que norteou a criação do Lapic. A primeira lembrança traz grilos falantes, bruxas e fadas que povoavam o imaginário do meu público infantil de "Encantilha", o cantinho mágico onde, de olhos fechados, as crianças viajavam por mundos fantásticos com ruídos estranhos de cachoeiras, sapos e até de monstros. Felizmente, as crianças de hoje, apesar da invasão dos eletrônicos, continuam brincando de pega-pega e esconde-esconde, criando o seu espaço do faz-de-conta.

Na década de 70, a urbanização crescente retira as crianças das ruas, confinando-as em mini-apartamentos; os folguedos infantis e fadas e bruxas cedem lugar aos desenhos animados que passam a encantar o mundo infantil. Tal restrição direcionou, a partir de 1978, a temática das minhas pesquisas para as relações entre TV/Criança. Daí surgiu minha tese de Doutorado "O pica-pau: herói ou vilão?", os cursos, e tudo mais que fiz depois disso. O Lapic realiza pesquisas, promove eventos e exposições, efetua consultorias e entrevistas à mídia no sentido de estender os seus serviços à comunidade. Além disso, nosso acervo está aberto à consulta de todos. (A produção do grupo pode ser conferida no site www.eca.usp.br/nucleos/lapic)

Fundescola - Qual tem sido o foco dos trabalhos do laboratório?

Elza Pacheco - O Lapic, organizado em 1994, vincula-se ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tendo como linha de pesquisa "Comunicação e Educação", área abrangente e multidisciplinar. Entre as finalidades do grupo está a realização de pesquisas que visem a produção de novos conhecimentos e o

desenvolvimento de novos paradigmas para o estudo das mediações no processo de recepção, de leitura crítica e na análise de conteúdo da produção cultural para a infância.

Buscamos ainda colaborar na formação de novos pesquisadores na área de Comunicação/Educação e Tecnologia, a partir de alunos/bolsistas de Iniciação Científica. Outro foco importante tem sido o desenvolvimento de grupos de estudos avançados com especialistas que já venham produzindo trabalhos sobre representações da infância, a fim de abrir espaço para a discussão acadêmica e a sistematização de temas conjunturais relevantes para a integração entre Universidade, Escola e Sociedade.

"Felizmente, as crianças de hoje, apesar da invasão dos eletrônicos, continuam brincando de pega-pega e esconde-esconde, criando o seu espaço do faz-de-conta."

Fundescola - Nesse caso, qual a vantagem de se trabalhar com um "time" de pesquisadores multidisciplinares?

Elza Pacheco - É mais uma necessidade, na verdade. Afinal nosso objetivo é mais do que integrar Academia, Escola e Sociedade. Estamos discutindo a necessidade de o professor, por meio da Comunicação Social e de recursos midiáticos das novas linguagens e da mídia eletrônica, trabalhar as disciplinas curriculares a partir de eixos temáticos globalizados e que fazem parte do cotidiano de uma sociedade plural como: Saúde, que inclui a qualidade do desenvolvimento físico, emocional, sexual, intelectual, moral e social; Cultura, que inclui o conhecimento e o respeito pela diversidade (abrangendo etnias, religiões, ideologias); Educação, de um ponto de vista mais amplo do que apenas o direito ao ingresso e à permanência na escola, mas também amor e respeito por tudo que é nosso e do outro; Trabalho, que, sem opressão, permita satisfação das necessidades básicas; Lazer, não apenas para o descanso dos fins de semana, mas para o desenvolvimento da criatividade.

Fundescola - Quem financia o Lopic?

Elza Pacheco - O financiamento recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é eventual, ou seja, ele é liberado quando há aprovação dos projetos de pesquisa. Durante os 5 anos de funcionamento - de 1994 até hoje - realizamos duas pesquisas. Para a primeira, o CNPq nos concedeu 10 bolsas de várias categorias, durante 3 anos, e uma pequena verba para material de consumo e material permanente. Para a segunda, o CNPq concedeu apenas as bolsas e a FAPESP liberou uma pequena verba. Atualmente o Lopic conta com o trabalho voluntário de alguns orientandos que se revezam semanalmente e com a presença permanente de 3 mestrandos. Além disso, temos um bolsista de iniciação científica financiado pelo CNPq.

Fundescola - Comparando o sistema público com o particular, existe alguma diferença significativa em termos de utilização de novos meios e linguagens em sala de aula?

Elza Pacheco - É importante esclarecer que não dispomos de dados de pesquisa que permitam dar um panorama fidedigno da situação. Com base em observação informal, podemos constatar que nem todas as escolas particulares estão aptas para utilizar os meios de comunicação, em especial a informática, o mesmo ocorrendo com as escolas públicas de São Paulo, capital, que constituem nosso universo. Embora exista a tendência de professores e alunos de escolas particulares estarem mais familiarizados com a informática e ser isso um facilitador, podemos afirmar que há uma grande preocupação do governo em aparelhar as escolas públicas e capacitar docentes para o uso da informática e dos meios em geral. A médio prazo isso poderá colocar a escola pública em nível de igualdade com a particular.

Fundescola - O Lopic trabalha na capacitação de professores para os novos meios de comunicação.

Elza Pacheco - Em 1998, o NCE - Núcleo de Comunicação e Educação do CCA/ECA/USP, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - Projeto Inovações do Ensino Básico, desenvolveu o Projeto de Educação Continuada - PEC "Comunicação, Educação e Novas Tecnologias" destinado a especialistas em educação e professores das Delegacias de Ensino, permanecendo aberto a professores e especialistas de outras delegacias. Coube ao Lopic desenvolver o módulo III, Fórum de Comunicação Transversal no Currículo, cujo objetivo foi o de capacitar professores com relação a leitura e uso dos meios de comunicação. Houve significativa repercussão desse trabalho no âmbito educacional e temos desenvolvido este tipo de capacitação em diferentes entidades educacionais, desde então.

Fundescola - Quais os desdobramentos, até agora, da pesquisa sobre desenho animado?

Elza Pacheco - Há cinco anos, realizamos seminários mensais com meus orientandos de mestrado e doutorado sobre o assunto. A partir da conclusão das duas Pesquisas Integradas, "Televisão, Criança e Imaginário: contribuições para a integração escola-universidade-sociedade" e "O desenho animado na TV: mitos, símbolos e metáforas", as solicitações sobre os resultados das mesmas, vindas de várias formas, de todos os estados do Brasil e de alguns da América Latina, por sugestão dos pesquisadores, a partir de março, o Lopic abriu para o público esses encontros. Tivemos uma procura enorme. Mas para tornarmos a divulgação dos dados levantados até agora mais ampla, precisamos de financiamento para publicação desses trabalhos.

Endereço do Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicações - Lopic/USP na Internet: www.eca.usp.br/nucleos/lopic

Entrevista 2 (Boletim 33)

Desenho animado faz bem. Pesquisadores da USP estudam o que as crianças de 6 a 11 anos apreendem dos programas de televisão

O que as aventuras de um coelho espertalhão ou de um pica-pau mal-humorado podem ensinar para crianças? Muita coisa e não apenas "besteiras" ou traquinagem como pensam muitos pais e educadores. Essa foi uma das conclusões obtidas por um time de 12 pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) que passou os dois últimos anos estudando qual o significado que meninos e meninas de 6 a 11 anos tiram dos desenhos animados a que assistem na tv.

O Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação (Lapic) realizou dois trabalhos distintos, mas complementares para chegar a este resultado. Primeiro foi feito um levantamento sobre os programas mais vistos pelas crianças e descobriu-se que os desenhos animados eram os favoritos absolutos desse público, apesar de assistir de telenovela a noticiário.

O próximo passo foi eleger os melhores na opinião desses telespectadores e estudá-los à exaustão para chegar aos porquês desta preferência. Com um time multidisciplinar composto por especialistas da psicologia, história, letras, cinema e comunicação foi possível analisar os conteúdos dos desenhos de maneira global e integrada.

As surpresas para os detratores dos desenhos animados¹ começam pelos escolhidos da garotada. "Pica-pau", "Pernalonga", "Pateta", "Maskara" e "Yuyu Hakusho" lideram a preferência. "Os meninos de hoje gostam basicamente do que gostavam as crianças das gerações anteriores", diz Claudemir Viana, do Lapic, para justificar o fato de três dos cinco favoritos pertencerem ao grupo dos cartuns antigos e tradicionais.

Simbologia

O trabalho, recém-terminado, explica isso por meio dos mitos e símbolos universais muito usados nos desenhos e que não mudam ao longo do tempo. A disputa entre o bem e o mal, o forte e o fraco, pais e filhos, adultos e crianças, permeiam todas as histórias e constituem o maior atrativo dos cartuns para os garotos.

O ponto mais importante, segundo os pesquisadores, é que toda criança sabe perfeitamente distinguir fantasia de realidade. "Brincar com a realidade faz parte do desenho e isso atrai a

criança porque ela também brinca para conseguir lidar com o mundo a sua volta e assim se adaptar a ele", observa Mílada Gonçalves, psicóloga que participou do grupo de estudo.

Os desenhos animados teriam tomado assim o lugar dos contos de fadas. "As pessoas iam aprendendo o mundo por meio dessas histórias que usavam imagens e fatos irreais para repassar valores da sociedade", defende Alexandre Paza, do departamento de Letras da USP e também do Lopic. Diante disso, o desenho animado tem papel importante no desenvolvimento cognitivo da criança.

Ao assistir aos cartuns, meninos e meninas suprem o desejo de subverter a ordem. Pica-pau e Pernalonga ganham pontos aos olhos da garotada justamente porque representam o menor vencendo o maior, seja no grito, seja na esperteza. A criança se projeta como protagonista da história e se vinga de toda opressão que sente, em relação aos pais, aos professores, aos irmãos mais velhos etc.

No final das contas, o desenho também cumpre um papel importante para os pais e para a sociedade: o de preservar a ordem social. "A criança faz uma espécie de catarse durante a história e no final fica mais calma, mais serena para aceitar a realidade como ela é, resolvendo imaginariamente as questões que a angustiam", acrescenta Alexandre.

Mediadores

A pesquisa também tirou conclusões interessantes sobre a violência nos desenhos. O "Yuyu Hakusho", preferido pelos garotos com mais de 9 anos, costuma mostrar muitas cenas onde há derramamento de sangue e brigas. Segundo o estudo, as crianças não relacionam a pancadaria com atos violentos do dia-a-dia, mas identificam as cenas com o heroísmo e a luta entre o bem e o mal. Antes dos 8 anos, os meninos ainda não captam muito bem o enredo, mas gostam dos momentos de ação pela sensação estética do movimento e das cores. "A lição tirada pela criança é de que o bem vence o mal", diz Claudemir Viana.

O trabalho serviu ainda para verificar a capacidade do público infantil de contar histórias e depois reelaborar em cima dos temas abordados pelos desenhos. Nesse ponto começam os problemas. Geralmente os adultos se chocam ao ouvir a narrativa de uma criança sobre um episódio onde houve agressão física na televisão, por exemplo. Daí a reação comum de muitos pais e professores de tacharem os desenhos como lixo, perdendo a oportunidade de usá-los como instrumento eficaz de formação.

"O adulto tem uma função importante de preencher as lacunas, de explicar o que a criança não entende bem", enfatiza Márcia Marguze, do Lopic. Os especialistas aconselham conversar sempre com os filhos e alunos sobre o que assistem, trocar idéias, descobrir o que pensam das mensagens passadas pela televisão. Com isso, não se está dizendo que não se pode proibir uma criança de assistir a determinada programação. "Só ponderamos que a censura sem diálogo nunca foi educativa", comenta Alexandre Paza.

Um dos objetivos do Lopic é justamente produzir recomendações, dicas para que os professores possam utilizar o desenho animado, a televisão e os meios de comunicação como ferramentas de trabalho dentro da sala de aula. O desenho pode servir de base para uma leitura conjunta ligando a realidade da criança a alguns elementos e símbolos do cartum, para usar as cores e a própria riqueza estética nas aulas de arte, para criar enredos novos e para reproduzir estruturas narrativas em histórias inventadas pelas crianças.

Na avaliação dos pesquisadores falta capacitação aos professores para inserir os meios de comunicação na rotina do aprendizado. Mesmo nas escolas particulares onde existem mais recursos financeiros, a mídia eletrônica e o próprio computador não estão incorporados às rotinas de sala de aula.

Em todo o país, existem pouquíssimos centros de pesquisa que unem a comunicação e a educação e o Lopic é um dos pioneiros nessa área. O laboratório já realizou, a pedido da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, alguns cursos de capacitação para professores da rede pública. Mas os resultados finais permanecem muito pontuais, dependendo da iniciativa isolada de algum profissional.

O gol buscado pelos pesquisadores do Lopic e grupos semelhantes está muito além da sala de aula. "Se conseguirmos criar uma postura crítica em relação ao que a mídia produz estaremos melhorando a qualidade da programação a longo prazo", acredita Claudemir.

Mais informações: www.eca.usp.br/nucleos/lopic

¹ "OS FLINTSTONES", "HONG KONG FU", "OS JETSONS", "MAGUILLA O GORILLA" são propriedades de Hanna-Barbera. - "TOM E JERRY" são propriedades de Turner Entertainment Co. - "O PATETA" é propriedade dos Estúdios Disney. - "O PICA-PAU" é propriedade da Universal Studios. - "YU YU HAKUSHO" e todos os personagens relacionados são propriedades de Yoshiro Togashi - "COELHO PERNALONGA", "TAZ", "PATOLINO", "PIU-PIU E FRAJOLA" e demais personagens "LONNEY TOONS" são propriedades da Warner Brothers - "PINK E CÉREBRO" e "O MÁSCARA" são propriedades da Amblin Entertainment e Warner Brothers.